



a Ordem dos
Arquivistas
CENTÉSIMO



Ricardo Sodré Andrade



a Ordem dos
Arquivistas
CENTÉSIMO



Copyright © 2014 Editora 9Bravos

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e os diálogos foram criados a partir da imaginação do autor e não são baseados em fatos reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

1ª edição – 2012

Todos os direitos reservados

Autor: Ricardo Sodré Andrade - www.ricardo.arquivista.net

Website do livro: www.arquivista.net/ordem/

Revisão de texto: Arthur Ferreira Jr.º

Ilustração da capa: Yuji Schmidt - www.yujiarte.carbonmade.com

Capa e diagramação: Cristiane Viana - <http://www.behance.net/estudiochaleira>

Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo, sem a autorização escrita da Editora. A Editora não se responsabiliza por eventuais danos causados pelo mau uso das informações contidas neste livro.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A 553

Andrade, Ricardo Sodré

A ordem dos arquivistas : o centésimo / Ricardo Sodré Andrade. – 2.
ed. - Salvador : 9Bravos, 2014.

ISBN: 978-85-67178-04-2

1. Ficção brasileira I. Título

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93



9Bravos

Caixa Postal 10537

CEP: 40170-970 - Salvador - BA - Brasil

contato@9bravos.com.br | www.9bravos.com.br

*Este livro é dedicado a todos
os estudantes, profissionais
e entusiastas da Arquivologia*



Prólogo

Continente de Herma, Reino de Astoril, vigésimo sexto ciclo de estações do reinado de Elodim III, o sábio.

Meu nome é Eli Saridem e morei durante toda minha breve vida em Sanmaric, uma grande cidade de vocação comercial, fértil para os artistas e lucrativa para os mestres artesãos. A cidade estava incrustada no litoral, sempre em contato com o restante do mundo por meio das histórias dos marinheiros e dos visitantes inesperados. Sanmaric era ordeira, com os senhores e as damas protegidas pelos vários soldados do rei, todos com suas armaduras de metal e couro, seus escudos reluzentes e suas espadas afiadas.

Por todo lado de Sanmaric era possível avistar-se casas de madeira e alvenaria. Telhados de barro e muitas chaminés. Algumas torres de pedra acinzentada se erguiam na cidade, e uma cidadela abrigava o prefeito designado pelo rei, sua família, os funcionários diretos e sua guarda pessoal. Nas praças, bardos viajantes contavam para crianças e adultos, com imaginação dotada de asas fortes, suas histórias de dragões majestosos, magos poderosos, heróis corajosos, tesouros que poderiam mudar a vida de um homem e lugares fantásticos dos quais muitos exploradores não tiveram coragem de voltar. Também havia as lendas de Pardes.

A história de Pardes me deixava particularmente atraído. As lendas começavam e terminavam em Pardes; lá estava o lar de seres fantásticos, guardava o poder de controlar a natureza e velava o conhecimento do início e do fim. Mas eram histórias para os pequenos.

Quando eu era criança, aprendi a andar, cantar, ler e escrever. Ouvi muitas das histórias dos bardos e minha imaginação tinha asas fortes, naquela época em que tudo era feito de ouro e reluzia. Quando ganhei uma flauta de Pantarir, região famosa pela fabricação de bons instrumentos de sopro, passei a praticar todo o dia. Esse fato foi anunciado para meu tio Oberon, que me presenteou com três pequenas partituras de músicas para crianças. Mas foram executadas repetidamente apenas, até acabar meu curto entusiasmo infantil com relação ao instrumento de sopro.

Ainda me lembro como se cantarola e como se toca na flauta de madeira aquelas pequenas canções. Mas o instrumento está há algum tempo como um brinquedo velho no quarto de um garoto crescido. As asas da minha imaginação haviam enfraquecido.

As três canções eu jamais esqueceria, nem a letra, nem como as tocar, nem a melodia tantas vezes cantarolada na mente. Permitam-me partilhar as principais estrofes de cada uma delas com vocês:

Porta, porta, o que guarda?

Diga-me o que esconde.

Abra agora, sem demora.

Vou entrar, não se zangue.

— PORTAL DAS PEDRAS



Gigante de pedra que guarda o rei.

Levante agora o martelo de guerra.

O reino precisa cumprir sua lei.

Para manter a paz na terra.

— GIGANTE DO REI



Um mapa raro o arquivista encontrou.

Para Pardes ele apontava.

Foi isso o que sempre sonhou.

Pé após pé, na ponte, ele caminhava.

— MAPA DO ARQUIVISTA

Minha família era, em sua maioria, de comerciantes que traziam dos extremos do continente e das diversas ilhas dos mares facilmente navegáveis os produtos para vender em Sanmaric. As especiarias do Calahar, os tecidos de Ouvedum, os perfumes de Misia e os pássaros de Azur. Os instrumentos de sopro de Pantarir também, principalmente as tão procuradas flautas, das quais eu possuía um exemplar.

Minha flauta de madeira, fabricada por um dos mestres carpinteiros de Pantarir, tinha muito boa sonoridade. Não era muito cara, como convinha a um objeto destinado ao aprendizado de uma criança, mas, ainda assim, era superior às utilizadas por diversos músicos de rua que se apresentavam pela cidade, ávidos por qualquer moeda de ferro que pudessem colocar nas bolsas arriadas de coleta.

Também é importante mencionar que eu tenho olhos cinzentos. Ter olhos cinzentos é um fato raro. Em Sanmaric, conhecia apenas pessoas da minha família com essa peculiaridade e muitos me disseram, ao longo dos anos, que em toda Herma havia poucas pessoas com a mesma cor nos olhos. Na infância, essa característica era útil: quando eu me perdia, as pessoas sabiam a quem deveriam me devolver. Mas nem sempre era visto como algo bom. Lembro-me claramente do velho mendigo maltrapilho do porto de Sanmaric, que certa vez parou em minha frente e me ficou encarando. O cheiro não era dos melhores e eu ainda tive que gritar por socorro quando ele agarrou minha cabeça e começou a gritar como um louco. Gritou a pleno fôlego algo como “uma daquelas criaturas da Pardes”, tantas vezes quanto o conseguiu, sacudindo-me, levantando-me e girando-me, até que alguém o enxotou para longe. Enfim, ter olhos cinzentos era um tanto quanto diferente.

Quando completei catorze ciclos de estações, meu tio Oberon sugeriu aos meus pais que eu deveria ir estudar durante algum tempo na Universidade de Sanmaric, que ficava acerca de quarenta quilômetros do núcleo urbano. A ideia, a princípio, não me agradou muito, mas foi bastante interessante aprender um pouco de geometria, botânica, química, leitura e caligrafia, lógica, legislação e história, além de outras disciplinas que não me interessavam tanto, mas eram obrigatórias. Durante quase todo aquele período, tio Oberon me enviava cartas e passei a compreender muito mais acerca do que ele fazia para ganhar a vida.

Tio Oberon pertencia à Ordem dos Arquivistas e passara boa parte da vida morando e trabalhando em uma das fortalezas da Ordem. Não era em qualquer um dos arquivos perto das maiores cidades do Reino, era um

pouco além disso: ele trabalhava na Fortaleza do Vale, o maior de todos os edifícios da Ordem. Ficava muitas luas de cavalgada de Sanmaric, mas, era de uma certa forma facilmente alcançável pela Estrada de Sal, que cortava boa parte de Astoril.

Era uma viagem tranquila de Sanmaric até a Fortaleza do Vale. Era a mesma estrada para ir até a capital do reino, até certo ponto. Por causa da proximidade, aquele arquivo era responsável pela guarda e preservação dos registros produzidos na corte real e nos arredores.

Segundo contavam, foi instalado em um complexo de construções fortificadas feitas de pedra, construído há muito tempo. Abrigava uma poderosa muralha, um grande prédio principal e era chamado por muitos nomes, como Fortaleza do Vale, Castelo da Ordem ou apenas o Arquivo, como era mais comum se referirem, como se fosse o único, apesar de ser o maior. A poderosa muralha serviu a muitos reis do passado, defendendo Astoril dos inimigos invasores. Agora, a fortaleza protegia parte da memória dos reinados, das cidades e do povo, para contar a história do nosso passado e dos dias de hoje para as próximas gerações de habitantes do continente.

No Arquivo, os membros da Ordem dos Arquivistas possuíam a tarefa de registrar, autenticar, transcrever, armazenar, conservar e até mesmo descartar os documentos produzidos no reino. Não era uma mera biblioteca de compêndios de conhecimento e tratados de história; ela possuía a própria matéria-prima das histórias: os registros dos atos dos governantes, das pessoas e das instituições que existiam ou um dia existiram em Astoril e atuavam nas terras que circundavam o vale, incluindo a capital.

Tio Oberon me contava sobre os incontáveis depósitos de documentos do Arquivo. Dizia que se organizassem lado a lado todos os documentos, formar-se-ia uma grande fila até Sanmaric, percorrendo toda a Estrada de Sal. Devia ser um grande exagero: ele esquecia que eu já era um rapaz crescido e esse esquecimento era evidente quando ele fantasiava para provocar uma mente juvenil, contando sobre o que havia no subterrâneo do Arquivo. Um lugar que abrigava seres fantásticos, galerias e túneis com tesouros e perigos. Às vezes eu me sentia novamente brandindo minha espada de madeira pelas ruas de Sanmaric, acompanhado de outras crianças. Porém, o mais comum era eu me lembrar de que no dia seguinte eu teria um exame de botânica, ou de outra matéria qualquer, e que deveria estudar.

Passaram-se dois ciclos de estações quando retornei para casa. Estranhamente, no último ciclo eu não havia recebido uma carta sequer do tio Oberon. Era a primeira vez em muito tempo que isso acontecia.

Terminados os dois ciclos de estudos na universidade, resolvi passar algum tempo com minha família. Mais duas estações sem notícias do tio Oberon se passaram e a sensação comum era de que algo havia ocorrido.

Confesso que o impulso pela aventura contribuiu muito para minha decisão. Adiei um bom emprego de comerciante para viajar até o vale do Arquivo, seguindo a Estrada de Sal, para buscar notícias sobre meu tio.

Não foi difícil convencer a família acerca da segurança da viagem. Afinal, era uma estrada bem movimentada, bem protegida e eu ficaria bem, se seguisse junto às caravanas.

Pessoas iam e vinham por aquele caminho todos os dias e as notícias ruins eram bastante raras. Além disso, eu acreditava estar na idade de fazer minhas próprias viagens e de conhecer o que havia no reino; não havia jornada melhor do que percorrer a principal rota do reino.

Arrumei minha bagagem e num dia de sol que me pareceu ideal para o princípio da primeira grande aventura da minha vida, iniciei minha viagem a cavalo pela boa e segura Estrada de Sal. O destino era o vale do Arquivo, a fortaleza da Ordem dos Arquivistas, que custodiava os documentos do rei, do reino e do povo de Astoril.



Conheça o
Portal do Arquivista!

www.arquivista.net



9bravos.com.br